

NOTA SOBRE O AMOR PLATÔNICO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Pedro Marques *

RESUMO

Dados os sensíveis influxos do pensamento platônico na obra de Guimarães Rosa, este ensaio precisa uma superfície de contato entre as formas de amor discutidas no *Fedro* e o fascínio de Riobaldo por Diadorim em *Grande Sertão: Veredas*.

Palavras-chave: romance brasileiro; Guimarães Rosa; Platão.

ABSTRACT

This essay analyses the contact between forms of love discussed in *Phaedrus* and Riobaldo's passion for Diadorim in *Grande Sertão: Veredas*, from the sensitive influences of platonic thought in Guimarães Rosa's writings.

Key words: brazilian novel; Guimarães Rosa; Plato.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que Platão (429?-348? a.C.) viabilizou uma quantidade razoável de diálogos. Nesse *corpus* encenou a elaboração de todo um universo filosófico que influi na cultura ocidental até nossos dias. Alguns estudiosos apontam os ecos do platonismo em Guimarães Rosa, trazendo sempre à tona outra questão fundamental: quais idéias do filósofo povoariam a extensa obra do autor de *Sagarana*? "Os principais conceitos platônicos assinalados por Rosa, aparentemente, referem-se ao mito da caverna, ao conceito do amor que, decaído, perde suas asas e à crença na alma antes do nascimento e depois da morte" (SPERBER, 1976, p. 65). Cada um a sua medida, esses conceitos e alegorias figuram, principalmente, em quatro diálogos: *A República* (o mito da caverna, a sabedoria, a memória, o belo), *O Banquete* (o amor como *daimon*, isto é, como ponte entre o humano e o divino), *O Fedro* (as formas de amor, a alma, o belo, a retórica), *O Fédon* (o conhecimento como reminiscência, a imortalidade das almas que animariam sucessivamente vários corpos).

Seria vantajoso realizar um comentário detido acerca de todos os três diálogos, sintetizando suas correntes de discussão, tentando destrinchar a complexidade de suas alegorias bem como seus rebatimentos no escritor. O que demandaria, todavia, o longo trabalho de uma tese. Contenho-me em refletir sobre a proposição expressa no título. Embora sejam mencionados

* Pedro Marques é mestre em Teoria e História Literária pelo IEL-UNICAMP. Atualmente desenvolve pesquisa de doutoramento na mesma instituição.

dois importantes textos sobre a matéria, não tenciono acirrar nenhum debate com a crítica roseana. Riscarei, isso sim, algumas impressões pertinentes a um dos romances basilares da literatura brasileira do século XX. Nessa prosa nunca banal, capaz de oferecer o sublime literário apenas para leitores com fúria de conquista, frisar a tensão entre o amor de Riobaldo e o ideário platônico.

Destaco uma faceta específica do *eros* de Platão presente no *Fedro*, diálogo disposto a discutir o amor, a comunicação das almas com o belo. Quando se fala no famoso *amor platônico*, é preciso ter na mira algo às vezes deixado de lado pelos comentadores. Ou seja, na elaboração de sua noção de amor, Platão pressupõe o tempo todo um amor entre homens, jamais entre sexos opostos. Muito diferente do neo-platonismo, por assim dizer, de poetas como o florentino Petrarca e o português Camões, os quais se apóiam na doutrina platônica para retratar os percalços do apaixonado por sua amada.

Se em nosso tempo a homossexualidade masculina pode ser objeto de preconceito e intolerância, na Atenas de Platão o problema nem se colocava. Mesmo a palavra *homossexualismo*, difundida sobretudo a partir do século XIX e desde sua origem pejorativa, não se ajusta ao relacionamento absolutamente comum entre homens gregos. Um homem arrebatado por outro não era sinônimo de desvirilidade ou covardia. A bravura de um soldado, por exemplo, era medida por sua habilidade bélica, jamais por sua opção sexual. As reservas dispensadas por alguns estudiosos a tal prática da sociedade grega sofre, portanto, de notável anacronismo.

Não se pode afirmar que Platão foi utilizado de maneira estrita por Guimarães Rosa. Do mesmo modo que maneja as diversas obras de seu vasto repertório literário (*Odisséia*, *Dom Quixote*, *Macunaíma*, etc.), em boa parte de sua produção, refaz as idéias platônicas acerca do amor. Uma das recriações mais gritantes é a seguinte, em que o próprio texto de Platão repercute no de Rosa. Transcrevo o trecho do *Fedro*:

Ele ama, mas sem saber o quê. Nem sabe, nem pode dizer o que aconteceu consigo: assim como um contaminado de oftalmia não conhece a causa da doença, assim também o amado, no espelho do amante, viu-se a si mesmo sem dar por isso. Quando o amado está presente termina a dor do amante, e o mesmo sucede com este na presença daquele. Quando o outro está longe, o amante sente tristeza, da mesma forma esta desperta no amado, porque ele abriga o reflexo do amor – acreditando, contudo, que se trata de amizade, e não de amor. Embora com menos intensidade, deseja aproximar-se do outro, vê-lo, tocá-lo, acariciá-lo, deitar ao seu lado e, assim, não tardará a satisfazer o seu desejo (PLATÃO, 1960, p. 234.).

Platão apresenta algumas alternativas de amor até destacar o amor ideal, ou seja, o filosófico que se comunica com o divino, com o belo e que, portanto, exclui

os vícios corpóreos da alma agora plenamente virtuosa. Nessa hierarquia, o amor mais baixo é só comparável ao dos animais quadrúpedes, pois leva um homem a avistar outro e se entregarem ambos à volúpia do amor meramente carnal que deve ser evitado. O fragmento do diálogo mostra, em certa medida, o embate também comum no cristianismo entre amor baixo (corpóreo) e elevado (espiritual) a ser buscado: o homem vê o objeto amável, já consegue entrever a elevação, finalidade das formas de amor, porém acaba se entregando aos prazeres sexuais.

Ora, a certa altura do romance, quando já é nítida sua grande afeição por Diadorim, Riobaldo exprime um discurso que retoma textualmente as idéias do excerto de Platão:

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senverginhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. *Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adição nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava mais de, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairescia, aí rijo comigo renegava.* Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostava em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? Eu conto. O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois (ROSA, 1986, p. 125.).

O intertexto com o *Fedro* está às claras. A fração em itálico é como que a tradução criativa do trecho platônico. O afeto de Riobaldo por Diadorim, nesse momento da narrativa, é quase o mesmo prognosticado por Sócrates. Ele está

sob efeito de uma doença, sob o jugo da *mania erótica*. O amor por Diadorim desconcertou a ordem do mundo, jogou seus sentimentos no caos. A própria descrição sobre os indícios do amor está colada às palavras do diálogo. A confissão de Riobaldo brota no livro em linguagem poética, em frases entrecortadas, como se a respiração do narrador estivesse acelerada. Com perícia notável, Rosa infunde em sua prosa os sintomas da personagem apaixonada.

Para Tatarana, um dos vários nomes de Riobaldo, que nesse momento ainda silencia sobre o verdadeiro sexo de Diadorim, coloca-se a questão do homossexualismo, completamente barrado num contexto social em que vigoram as leis do jagunço, símbolo de masculinidade e bruteza. Ele precisa se justificar: *homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive vícios descontraídos*. Não obstante, é pelas mãos de Diadorim, também chamado Reinaldo, que aprende a admirar a formosura da natureza, desperta para o amor, ascende mesmo a uma espécie de sabedoria da beleza universal mais ou menos como a preconizada por Platão. Mesmo motivando sentimentos misturados em Riobaldo, o amor é o verdadeiro responsável por sua auto-reflexão e auto-conhecimento.

Aos olhos de Riobaldo, a flutuação entre os traços masculinos e femininos de Diadorim sedimenta a curiosidade e depois o amor. Reinaldo é homem por ser um dos jagunços mais corajosos e “machos” do grupo. É mulher por deixar escapar vestígios de moça por trás da máscara rude. A primeira característica é sabida por todos os outros jagunços que não a questionam. Mas a segunda é perceptível apenas para Riobaldo. Sem poder compartilhá-la com os demais, ela se agita mais surpreendente, intensa, gerando mesmo o nó dramático arrastado até o final da narrativa. Riobaldo se dilacera contra a androginia de Diadorim. A atração, *senverginhice*, por outro homem não cabe em seu mundo. Tanto pior que ele seja ator essencial na afirmação da agressividade jagunceira. Nessa batalha solitária que não pode resolver na bala, conta apenas com o eu profundo. Na velhice, ainda busca entender seu amor *descontraído*, por isso a necessidade de narrar em detalhes sua saga ao Doutor.

A imagem de travestimento, em geral, traz à mente o homem que se fantasia de mulher. O que ocorre aqui, no entanto, é justamente o contrário. É Diadorim quem se disfarça e não em qualquer um. Ela traja as roupas de um homem brutalizado pela guerra; perpassado por uma moral rígida de guerra, marginalizado da sociedade. O exame de conflitos universais na figura do jagunço por si só já despontaria como novidade literária, mas a aparição de um jagunço mulher que testa também a própria condição máscula de jagunço coloca a principal configuração humana do romance em total aporia. Tudo se apresenta problemático, conflituoso, quebra-cabeça faltando peça. Ao acreditar que o sertão é maior que o mundo, Riobaldo também nos permite imaginar: o jagunço também é maior que o homem comum. Nascido na ficção em que Rosa o carregou das tensões humanas de maior voltagem (ódio, vingança, culpa, religiosidade e principalmen-

te o amor), o jagunço se torna um mosaico de todos os homens.

Para Benedito Nunes, Riobaldo conhece três espécies de amor. A saber: Otacília, que “é apenas uma lembrança, imagem ideal colhida, de passagem, num pedaço do sertão, e que sobre a alma do jagunço, exerce um poder purificador... Diadorim infunde-lhe uma paixão equívoca, vizinha do estado de confusão e encantamento atribuído ao Maligno ou ao poder do Destino... Muito diferente desse estado de encantamento, de redução diabólica, é o amor por Nhorinhá, simples e natural, que nasceu de um abraço voluptuoso e foi crescendo na memória de Riobaldo” (NUNES, 1969, p. 144). A crítica é aguda, mas é possível ir mais longe na observação. Uma varredura no livro descortina exemplos do amor por Diadorim não raro se assemelhando ao de Nhorinhá – quando Riobaldo sente desejos carnis pelo amigo, o que acontece no excerto supracitado e não só nele – ; outras vezes ao de Otacília – quando idealiza a respeito de Diadorim um amor espiritual e equilibrador de tensões como a da guerra. Se o assunto é *Grande Sertão: Veredas*, qualquer esboço de generalização ameaça cair por terra, principalmente no debate sobre o amor. O amor de Riobaldo não é um só para Nhorinhá, nem outro só para Otacília. O amor pelas duas se modifica e se reforma ao longo do tempo narrado.

O amor problematizado à luz do *Fedro* é, a um só tempo, simplesmente roseano. Na escala do *eros* platônico, o amor carnal e/ou voluptuoso tem relevância quando exerce papel iniciático no aprendizado erótico, isto é, quando conduz ao amor espiritual e/ou divino. O amor físico deve pressupor algo mais elevado a ser conquistado. Guimarães Rosa cria um embaraço entre três matérias: o amor platônico, o homossexualismo repudiado na jagunçaria, a densidade psicológica do narrador frente à afeição dúbia pelo andrógino Diadorim. Riobaldo ama alguém que pensa ser homem e, por causa do ambiente em que combate, resiste à volúpia que lhe espreita e mesmo ao amor espiritual. Mas, platonicamente falando, ele não poderia desejar o corpo do amigo(a) e deveria, sim, se apaziguar na consciência de que Diadorim o levou à reflexão de si, portanto ao amor imaterial e belo, à comunicação das almas e não à dos corpos rebaixados pelos vícios.

Falta-lhe a verdade total sobre Diadorim, que, se revelada a tempo, poderia lhes permitir o contato pleno. Mas a teoria platônica não ensina o amor entre os sexos opostos, daí surgir em parte recriada, embora informe a concepção de amor moldada por Rosa. Platão está e não está presente. São inexatas as intersecções entre suas idéias eróticas e o romance. Para o filósofo, o amor virtuoso e elevado, aquele que comunica as almas ao belo, pode ser alcançado somente entre homens. Mas Diadorim, em realidade mulher, consegue transportar Riobaldo a um inegável amor espiritual. O desejo meramente sexual por Diadorim também contraria o platonismo. O parágrafo roseano emblema esse impasse entre apropriação e reformulação do amor platônico.

Essa dificuldade de se firmar algo *stricto sensu* acerca de dado aspecto do *Grande Sertão: Veredas* me parece bem resumida na assertiva de Riobaldo:

“...as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (ROSA, 1986, p. 15). Tal é o amor de Riobaldo por Diadorim, sempre mutante, caótico, porém alçado ao belo pelo que tem de verdadeiro e comovente. Assim é a narrativa confiada à rememoração fragmentária de Riobaldo. Memória abalada pela ação do *eros* que instala o inferno, o delírio, na alma de quem ama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NUNES, Benedito. O Amor na obra de Guimarães Rosa. In: *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PLATÃO. Fedro. In: *Diálogos*. Tradução de Jorge Paleikat. Porto Alegre: Globo, 1960.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SPERBER, Suzi F. *Caos e cosmos - Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.